

# A psicanálise no mundo da ciência

Ilka Franco Ferrari

## RESUMO

Este artigo discute críticas feitas à eficácia da psicanálise no mundo contemporâneo, marcado pelo grande avanço da ciência. Freud e Lacan são consultados como representantes insubstituíveis de psicanalistas que convidaram a ciência e a racionalidade ao debate, preocupados que eram com suas conseqüências para a subjetividade humana. Conseqüências muito visíveis na atualidade e que fazem a psicanálise ainda mais viva, ao contrário do que alguns querem crer.

**Palavras-chave:** Saber; Verdade; Discurso capitalista; Política de arrependimento.

(...) a esa frontera abierta, móvil y real, entre el saber y lo real, Lacan la llama el sujeto de la ciencia.  
(Morel, 199, p. 21)

O historiador americano de origem francesa, Jacques Barzun (2002), cuja vida atravessou quase todo século XX, fala de um mal-estar e de um declínio na civilização ocidental, onde o autor de “O mal-estar na civilização” já não goza de prestígio. Para este ex-professor da Universidade de Columbia, a retração na influência de Freud é visível, seu legado está sob ataque e, nem de longe, se fala tanto nele quanto na primeira metade do século XX.

Dizer que a psicanálise é atacada não é contar nenhuma novidade, já que isto acontece desde sua criação e o próprio Freud faz várias referências às hostilidades e questionamentos sofridos. Falar que os tempos de hoje são diferentes daqueles do início do século passado é dizer do óbvio. O que desperta interesse na fala de Barzun é a posição de total descaso, também experimentada por muitos outros, frente às possibilidades de contribuições da psicanálise para as questões atuais da sociedade ocidental.

---

• Texto recebido em abril de 2002 e aprovado para publicação em maio de 2002.

Ele retrata bem o que vem acontecendo nos últimos tempos nos EUA. Neste país, que se destaca na liderança do avanço nas neurociências, já não se passa um dia sem que a eficácia da psicanálise seja criticada. Ali, a paixão pela psicanálise, vivida no início do século passado, foi trocada pela paixão à mitologia cerebral. Hoje em dia, sua ineficácia é alardeada, já que todos os esforços se concentram no sentido de encontrar o *funcionamento cerebral do psiquismo*. A farmacologia, bastante desenvolvida naquela América e bem difundida pelo resto do mundo, trouxe de volta a ilusão da possibilidade de se encontrar o modo *de funcionamento feliz*, já que não se pode negar que ela tem seu lado positivo no apaziguamento do sofrimento, se utilizada de forma adequada.

O mundo atual, estruturado pela ciência e dirigido pela razão, quer abandonar, radicalmente, o sujeito que Freud valorizou. Nele, parece não haver espaço para a dor, para a tristeza, para as fraquezas, para tudo que venha da subjetividade humana, pois tudo precisa ser resolvido de forma rápida, eficaz, limpa, direta. É necessário a tudo normalizar! A ênfase que se dá é ao sucesso pessoal, valor fundamental das sociedades capitalistas e, o êxito pessoal, obtido a qualquer preço, passou a ser o modelo social e econômico. Acontece que o tiro acaba saindo pela culatra. A angústia é enorme, a solidão é coletiva, a melancolia é evidente, as drogas são consumidas em abundância... Desta forma, ainda que a psicanálise não seja querida no mundo científico, a subjetividade do homem a reclama como possibilidade de ser escutada.

É bom recordar, não obstante, que existem diferenças entre as práticas psicanalíticas, reflexo de diferentes formas de se ler Freud. Kernberg (1994, p. 75), por exemplo, psicanalista da International Psychoanalytical Association (IPA), é um dos que propõem a utilização de investigação empírica no mundo da psicanálise, com a nobre intenção de conseguir o êxito de transpor as barreiras teóricas entre os psicanalistas, objetivando engrandecer o mundo científico. Por outro lado, o movimento lacaniano se opõe com radicalidade à objetividade proposta pelo empirismo, quando se trata de fazer uma clínica do sujeito.

O que sem dúvida causa polêmica, em todos os grupos de psicanalistas, independentemente da escola a que pertençam, são críticas relativas à ineficácia da psicanálise, críticas alusivas de que a ciência evoluiu e a psicanálise permaneceu em seu mundo pré-científico, já que ela não se adapta aos modelos científicos propostos pela ciência, seja qual for sua época. Um exemplo atual de tal situação é o livro intitulado **El psicoanálisis explicado a los medios de comunicación**, escrito pelo então presidente da Escola Européia de Psicanálise, Miguel Bassols (1997), imediatamente depois que Ferrer, professor do Departamento de Metodologia da Universidade de Barcelona e doutor em psicologia, publicou no jornal **La Vanguardia** um artigo intitulado “La insoportable levedad del psicoanálisis”. Desnecessário é dizer que foi grande a repercussão deste artigo que questionava a prática psicanalítica, considerando-a pseudocientífica. O ambiente “psi”, ainda que dividido entre empiristas e não empiristas, reagiu manifestando seu desagrado e este pequeno livro, bastante enfático, foi só mais uma entre as várias formas de repúdio ao acontecimento.

Parece que pelo menos em casos dessa monta, existe certo consenso por parte dos psicanalistas. Trata-se do fato de que se eles estão colocados junto aos descartáveis da ciência, é porque existe algo muito importante neste lixo: a subjetividade humana.

A psicanálise não desconsidera a importância da ciência e muito menos a evidência de que ela passou a ser o ideal de todos, uma vez que nela há progressos reais, significativos. Também não ignora que ela pode ser feita, e é o que tem acontecido, pelo viés do discurso capitalista, desenvolvido por Lacan, a partir do discurso do mestre, no texto “O avesso da psicanálise”. Este seu **Seminário**, escrito em 1969, se reveste de especial interesse porque, de certa forma, é o comentário da estrutura profunda dos acontecimentos de Maio de 68, no momento em que se produziam. Fato como este, segundo Laurent (1998), só pode ser comparado a **Sobre a luta de classe na França**, onde Marx comenta diretamente o golpe de Estado de Napoleão III em 1848, e à obra de Freud dos anos vinte anunciando o triunfo do partido totalitário ocorrido dez anos depois. Em “O avesso da psicanálise”, ao considerar o discurso capitalista como a verdadeira forma de laço social da modernidade, Lacan mostra como ele é sem lei e regido somente por imperativos, colocando a mais-valia no lugar da causa de desejo. O desejo passa a ser interpretado como desejo de objetos e não mais como desejo do desejo do outro, transformando o sujeito em consumidor de objetos, todos, preferentemente, de uso rápido e facilmente substituível, com conseqüências que não são simples. Ao estimular a “ilusão de completude não mais com a constituição de um par e sim com um parceiro conectável e descartável ao alcance da mão (...) isso pode levar à decepção, à tristeza, ao tédio e à nostalgia do Um em vão prometido, assim como a diversos tipos de toxicomania” (Quinet, 2001, p. 17).

## FREUD E LACAN: A BUSCA DE DIÁLOGO COM A CIÊNCIA

Freud, um *pesquisador*, muito cedo percebeu que suas descobertas não tinham espaço no saber científico da época, que suas idéias sobre a existência de um “saber” no sintoma neurótico e psicótico e, conseqüentemente, da existência de um pensamento inconsciente não agradavam em nada aos cientistas. Segundo ele, a psicanálise já surgiu insultando o mundo inteiro, a partir de duas hipóteses que lhe pareciam suficientes para fazer com que ela perdesse “a simpatia de todos os amigos do pensamento científico” (1915-1916, p. 35). Tais assertivas, que lhe ocorreram a partir do que as históricas lhe haviam ensinado, diziam respeito, em primeiro lugar, ao fato de que os processos mentais são, em si mesmos, inconscientes e daí, de toda vida mental, apenas determinados atos e partes isoladas da vida mental são conscientes. Em segundo lugar, à presença da sexualidade na origem das doenças nervosas. Dessa forma, não sendo cego para observar, Freud tinha também a capacidade de escutar esse “algo”, esse “pensamento” que gritava sua verdade desde os espaços não cobertos pela ciência, causando desconforto a muita gente e não se encaixando nos modos científicos sustentados no valor dado à consciência. Sobre a consciência, o que muito lhe importava era constatar que, por meio dela, o homem tem consci-

ência de que não é livre, tem consciência de que há algo que age nele, apesar e a contragosto dele. Se suas descobertas não podem ser reproduzidas por meio da experimentação, conferindo-lhe o valor de saber científico, é porque Freud se encontrou, exatamente, com outra repetição: aquela que diz de um saber que não sabe a si mesmo, subjetivado e, portanto, muito diferente do saber consciente da ciência.

Este pesquisador, admirador do *cientista* Darwin, ainda que tivesse inicialmente uma visão muito positivista de ciência, acabou por enfraquecer a filosofia da objetividade, ao ensinar que a objetividade não é exterior à subjetividade, pois o racional se submerge no emocional, que o conteúdo manifesto do pensamento supõe desejo, pensamentos latentes, e que são as paixões as que governam a inteligência do homem. Sua psicanálise era direcionada para as ciências naturais, porque nela permeava a crença de que um dia a biologia daria uma explicação para o psiquismo. Seu caminho, no entanto, já era outro que o da biologia, desde 1895, no “Projeto para uma psicologia científica”, acabando por deixar a outras gerações o legado da autonomia do psiquismo. Realmente, diante disso, a reação que despertava não podia ser a indiferença e tampouco somente a desconsideração. Vale recordar, uma vez mais, que em 1932, quando a Liga das Nações e seu Instituto de Cooperação Intelectual propuseram àquele que consideravam o mais eminente cientista da época que elegeisse, por sua conta, um interlocutor para dialogar sobre “os problemas da paz mundial”, Albert Einstein escolheu a Freud.

O comum, não obstante, é que o leitor ao transitar pelos escritos de Freud encontre o *pensador* preocupado pelo desinteresse da ciência pela vida psíquica que acabava à mercê de leigos, poetas e filósofos (1915-1916; 1915; 1927). Acontece que, no final do século XIX, à semelhança do que se vive hoje, houve avanço na biologia e certo reducionismo do psiquismo a mecanismos cerebrais, mas, paradoxalmente, foi também época do surgimento de muitas práticas mágicas e criações mitológicas. Freud querendo compreender o que se passava, denunciou esta aparente contradição e mostrou que a ciência, sendo científica em demasia, não se dava conta de que desconsiderava o psiquismo e promovia nos homens a busca de outros meios tais como a religião e a magia, onde houvesse possibilidades para viver o subjetivo, o simbólico sobre o ser, a vida, a morte, a sexualidade, ou seja, onde o corpo já não fosse mais pura matéria. Assim, em toda sua obra está também o rigoroso *investigador* observando, descrevendo, agrupando fenômenos, criando sua psicopatologia para além dos fenômenos, construindo a prática, abrindo portas para que outros, quantos queiram, necessitem ou desejem, passem. Preocupado com a singularidade do caso a caso, não ignorou a cultura. Sua constante preocupação com a civilização e com os modos coletivos de organização – religião e política – até lhe rendeu comentários de que sua missão curativa é mais global que individual (Laurent, 1991).

O freqüentador da obra freudiana encontrará, todavia, principalmente o *psicanalista* que valora a ciência como um limite necessário à ilusão e que recorre à física e à fisiologia de sua época para teorizar o inconsciente, promovendo um cientificismo para a psicanálise que não podia ser ciência. E, neste ponto, ele já terá condições de compreender o motivo pelo qual Lacan escreveu em “Del sujeto por fin cuestionado” (1998) que a psi-

canálise nasceu com a ciência, assim como o porquê de sua permanente insistência em apontar o que elas têm em comum, sendo tão diferentes. Para Lacan, a psicanálise é igual à ciência porque também supõe saber a desvelar e é diferente porque valoriza, exatamente, aquilo que a ciência nada quer saber, ou seja, o sujeito deste saber.

O sujeito lacaniano, diferente do cartesiano, é aquele que rechaça os saberes existentes sobre seu sintoma porque nele existe um saber que diz do inconsciente. Desta forma, este saber não está separado da verdade de seu ser e tanto é assim que ele sofre, exatamente, da verdade que está no sintoma. O conceito de sujeito, básico para a prática lacaniana, é muito diferente de pessoa, de indivíduo ou de um corpo que pode ser contado, enumerado, medido, avaliado e, desta maneira, sua categoria só pode ser colocada na dimensão ética. Sendo assim, não há modo lacaniano de fazer experimentos ou praticar a observação tal qual propõe o método científico. Ao se tentar fazê-lo, o que se encontra são porcentagens e jamais o sujeito, como afirma Miller (1998).

Miller, um dos principais representantes dos ensinamentos lacanianos, sempre que possível, fala claramente da frustração da ambição de Lacan, em seus mais de trinta anos de trabalho tentando dar estatuto de ciência à psicanálise, já que “todavia estamos em um tempo – e talvez permaneçamos nele – onde a psicanálise está em *impasse* com relação às exigências do saber científico” (1999).

É notório que Lacan recorre à lingüística, à teoria dos jogos, à teoria dos conjuntos, à topologia e à teoria dos nós, buscando tal estatuto de ciência para a psicanálise. O ancoramento no discurso matemático, por exemplo, se deve ao fato de que este discurso é a franja da linguagem que mais se aproxima do real. Para ele, a ciência, em suas relações com o que vai além dos saberes, ou seja, a verdade, era a *partenaire* da psicanálise e, acerca do tema, seu texto “La ciencia y la verdad” se reveste de especial interesse. Pelos caminhos de Bachelard, Koyré e a ciência moderna, não obstante, ele não se cansa de convidar a ciência ao diálogo em “El mito individual del neurótico” (1953), “Función y campo de la palabra” (1953), “Kant con Sade” (1962), “Nota a los italianos” (1973) e “Televisión” (1973)...

Ao afirmar que a psicanálise depende da ciência, por ter encontrado no saber científico, depois de Kant, sua condição de possibilidade ética e, depois de Galileu e Newton, sua condição epistemológica, Lacan também enfatiza o quanto a ciência é incompleta e inumana e, por isto, a psicanálise sempre encontrou seu lugar no mal-estar da cultura. Este seu caráter inumano deu origem a um protesto humanista, desejoso de ocupar-se do verdadeiro, do belo, do bem e do mal, protesto que reivindicou certo gozo da ignorância, frente ao saber científico, e originou o que Lacan chamou a douta ignorância humanista. Ignorância que sabe mais que o saber científico e que ao fazer a pergunta sobre a verdade, cria uma barreira ao saber científico. Miller vê que as direções dos comitês de ética se encontram nesse sentido e que a psicanálise estaria no “ponto onde trataria de ocupar-se da questão da verdade com os meios da ciência” (1999, p. 21). Dito de outro modo, a psicanálise continua em posição de dialogar com a ciência e a racionalidade.

Em “El mito individual del neurótico”, por exemplo, ao comentar críticas sobre

o não-cientificismo da psicanálise, Lacan acaba por aproximá-la das artes liberais da Idade Média, naquilo que diz respeito à preservação da relação do homem com ele mesmo, uma relação interna, fechada em si mesma, inesgotável, cíclica, que o uso da palavra comporta. O modelo do real que vem da ciência, igual para todos, já era por ele denunciado naquela época e, claramente, não lhe servia.

## A ATMOSFERA DE VERDADE DA CIÊNCIA

Na psicanálise e na ciência existe a dialética entre encontrar saber no real e operar com este saber sobre o real.

Nessa operação dialética, que acontece no campo da ciência, os cientistas se confrontam com uma fronteira móvel entre o saber e o real a qual, por exemplo, faz com que algo seja válido para uma determinada época e não para outra. Morel (1991), ao tratar desse tema, sugere que se pense na descoberta das leis da gravidade e a fórmula de atração  $f = mm'/g$  desenvolvida por Newton. O real obedece a essa fórmula matemática e, lógico, já era assim antes dela ser formulada. Mas, se foi necessário que alguém um dia a formulasse para converter-se em saber científico, alguém também, em outro dia, percebeu que a trajetória de Mercúrio não obedecia às leis de Newton e constatou que no real havia algo que converteria a lei newtoniana em falsa ou inexata... Chega o momento, assim, em que a ciência se depara com aquilo que é impossível saber, ainda que existam até esforços matemáticos. E são situações como essas que permitem que as crenças teístas se façam muito frequentes entre os cientistas. Deus e o cientista homem e não, Deus e a ciência propriamente dita. Nas cartas de Gödel para sua religiosa mãe de oitenta e dois anos (Palomera, 1991), pode-se ver como ele, por exemplo, encontrou uma solução para essa questão. Com muito carinho, ele lhe dá uma aula de Lógica e Matemática, ao dizer-lhe sobre Deus e o universo já que via as crenças teístas como algo que não se separava dos problemas formulados na Lógica e na Matemática.

A epígrafe que inicia este texto mostra o quanto Lacan estava seguro dos dramas do mundo científico. Chama de sujeito da ciência à fronteira aberta, móvel e real, entre o saber e o real e define a ciência pelo fracasso no esforço de fechar, suturar esse sujeito, ou seja, essa fronteira. Tenta suturar fazendo coincidir todo o real com o saber. A psicanálise, para ele, nessa dialética procura fazer surgir o sujeito que é produzido, exatamente, nesta fronteira que supõe saber e gozo, simbólico e real. Busca fazer surgir o sujeito de um saber não universal, já que o inconsciente não é coletivo, na certeza de que o deciframento deste saber também tem limites.

Quando Gödel nos anos trinta contribuiu para uma crise nos fundamentos da matemática com seu artigo “Sobre enunciados formalmente indecíveis de *Principia Mathematica* y sistemas afines” (1931), deprimido com sua descoberta, ele não tinha idéia que Lacan também chocaria o mundo incluindo seu teorema na teoria de conjunto que propunha para a psicanálise. Ou seja, que Lacan diria que a lógica matemática é a ciência

do real porque permite captar a noção de impossível, chegando a utilizar o teorema gödeliano para ajudar a entender o inconsciente freudiano. Como não é difícil então de se constatar, a ciência moderna, em várias circunstâncias, se deparou com a *impossibilidade* e teve que repensar a divisão cartesiana que propunha “a Deus a verdade e aos cientistas o saber”.

Gratos a Newton e tantos outros grandes cientistas que possibilitaram que os furos no saber científico aparecessem em pontos considerados muito bem estruturados, amarrados, os atuais praticantes de psicanálise que labutam na área da clínica e da saúde mental continuam dando o testemunho das tentativas de suturamento do real, nesses locais onde os limites da prática são continuamente testados. O avanço da farmacologia é evidente e a clorpromazina, descoberta nos anos cinqüenta, inaugurou não só outra época no saber médico, mas começou a desconstrução dos fundamentos de certa aliança da psiquiatria com a psicanálise, desconstrução que continuaria por meio da descoberta dos ansiolíticos e antidepressivos. “Como discurso teórico experimental, a psicofarmacologia iniciou nesse momento seu lento mas decidido processo de oferecer à psiquiatria tanto fundamento biológico quanto um instrumento terapêutico dotado de alguma eficácia operatória” (Birman, 2001, p. 22). O tratamento pelo medicamento aparece como a grande solução: ele prescinde até mesmo da presença humana para acontecer. Assim, gera lucros de todas as formas! Mas,... a tentativa do controle cada vez mais eficaz das produções sintomáticas a que a farmacologia se propõe não consegue ser assegurada. A insatisfação é crescente depois destes anos de descoberta dos psicofármacos. Não é pura coincidência o registro de que concomitante ao grande avanço da farmacologia nos EUA, também avançaram as práticas místicas. A psicanálise ensina, desde muito tempo, que se o sujeito não encontra guarida na ciência, se ela é científica demais a ponto de nela ele não ser levado em conta, seu caminho se dirige à religião e à magia.

Os pacientes têm sido reduzidos, uma vez mais, a neuro-hormônios, e a psiquiatria biológica é a “psiquiatria de ponta”. As queixas dos pacientes já não têm maior importância que aquela de dizer que medicamento regulará, outra vez, seu *desarmônico funcionamento*, eliminando o sofrimento. A enfermidade perdeu sua inscrição no registro da linguagem, uma vez que dela foi esvaziada a existência de um saber por parte do paciente. A dimensão histórica daquele que porta a enfermidade pouco importa e, ao invés de lhe ser possibilitada a palavra, rapidamente lhe são feitos pedidos de exames ou lhe é oferecido o remédio para que se cale. Os diagnósticos são dados pela forma que se comporta o paciente, inclusive, pelo seu comportamento após a medicação “x”. Quando algo da dimensão da escuta existe, ela é destinada à síndrome descrita nos Códigos de Doença. Nesta situação, a psicanálise voltou a ser aquilo que os psiquiatras e outros devem evitar, em nome da ciência. Aqueles, estudando e receitando os fármacos; os outros, ingerindo-os para a felicidade de todos.

As constantes convocações de “comitês de ética” objetivando orientar certos debates e definir normas mínimas de ajustes desta indústria de serviços à problemática dos direitos humanos fazendo a distribuição da culpa são, por si próprias, orientações no sen-

tido de que algo vai mal no enfatizado ideal de eficácia e com aqueles que com ele se identificam. Ecoa sensatez no dizer de Laurent (1998) sobre o fato de que o século XX é caracterizado pelo sintoma mundial da política de arrependimento na política, pelo pedido ao outro de uma declaração de arrependimento. A Igreja católica, por exemplo, se arrependeu publicamente de suas ações contra os judeus, a sociedade suíça por suas ambigüidades durante a guerra, os EUA pela escravidão, Ehud Barack, chefe da oposição em Israel, pediu perdão aos serfades pela humilhação dos anos cinqüenta etc. Situações consideradas por este autor como chamadas que ocupam o lugar da desilusão mais que a posição da dimensão ética.

## RISCOS NA DEMONSTRAÇÃO DE EFICÁCIA

Diante de tal exposição que não esgota e nem tem a pretensão de esgotar a complexidade do tema proposto, pelo menos não é difícil concluir que o ideal do funcionamento eficaz esvazia o sentido edípico dado pelo amor ao pai e ocupa o lugar do Nome do Pai. Em nome da verdade, os limites de eficácia são constantemente verificados, inclusive os da psicanálise. Na atualidade, em nome da verdade, ela tem sido verificada em sua eficácia frente às nostalgias pelo amor ao pai.

Para Barzun, a decadência da cultura ocidental se expressa pela perda de energia e em lugar das possibilidades há estagnação, repetição, tédio... O estado da alma ocidental não é feliz e as confissões de mal-estar são contínuas, o repúdio e a deturpação das instituições são uma constante... O Estado-Nação, uma das maiores invenções de nossa era, está se desfazendo em toda parte... Ainda que na reportagem ele não diga qual é o remédio para tal situação, acredita que ele existe, mas não na psicanálise. É bem verdadeiro que a psicanálise não pode ocupar-se de toda a questão. É bem verdadeiro, também, que aquilo que ele retrata do mal-estar que percebe já era anunciado por Freud e Lacan e que os analistas atuais não foram surdos a estes ensinamentos.

Os analistas de hoje não são os da época de Freud ou até mesmo de Lacan. Como bem disse Roudinesco, se eles não têm novos mestres é porque talvez se recusem a ter mestres menores, mas o protótipo do analista de gravata e divã já está distante. Eles, hoje, podem estar em seus consultórios, mas também estão nas comunidades, nas periferias, nos hospitais, no social. São os analistas cidadãos (Laurent, 1999), aqueles que discutem as novas formas de sintoma presentes no mundo, estando atentos à dialética existente entre o encontrar saber e operar sobre o real na psicanálise. Em nome de outra verdade, da verdade do inconsciente, os psicanalistas têm importante papel a desempenhar na civilização contemporânea; inclusive, o de denunciar as contribuições da ciência para o mal-estar na cultura.

### ABSTRACT

This article discusses some criticisms of the efficacy of psychoanalysis in the contemporary world, marked by great advances in science. Freud and Lacan are investigated as irreplaceable psychoanalysis icons, who have invited science and rationality to debate, concerned with its consequences to human subjectivity. Those consequences are most acutely perceivable at present, and render psychoanalysis even more alive, despite some people's refusal to believe it.

**Keywords:** Knowledge; Truth; Capitalist discourse; Regretfulness policy.

### Referências bibliográficas

- BARZUN, J. O apagão na cultura. *Veja*, n. 14, p.11-15, 2002.
- BASSOLS, M. *El psicoanálisis explicado a los medios de comunicación*. Barcelona: Eolia, 1997.
- BIRMAN, J. Desposseção, saber e loucura: sobre as relações entre psicanálise e psiquiatria hoje. In: QUINET, A. (Org.). *Psicanálise e psiquiatria – controvérsias e divergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 21-30.
- CHARRAUD, N. ¿Que infinito para el psicoanálisis? *Freudiana*, n. 2, p. 5-16, 1991.
- FREUD, S. (1915). As pulsões e suas vicissitudes. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XIV, p. 128-162.
- FREUD, S. (1915-1916). Conferência I. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XV, p. 27-37.
- FREUD, S. (1915-1916). Psicanálise e psiquiatria. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XV, p. 223-234.
- FREUD, S. (1917-1919). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. v. XVII, p. 151-164.
- FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXI, p. 15-74.
- FREUD, S. (1932). Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXII, p. 17-44.
- FREUD, S. (1933 [1932]). Por que a guerra? (Einstein e Freud). In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXII, p. 234-259.
- KERNBERG, O. Validations in the clinical process. *Int. J. Psychoanal*, n. 75, p. 1.193, 1994.
- LACAN, J. Psicoanálisis y medicina. *Intervenciones y textos*, n. 1, p. 87-99, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário, livro XVII: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. Del sujeto por fin cuestionado. In: *Escritos 1*. Madrid: Siglo XXI. p. 219-226, 1998.
- LACAN, J. La ciencia y la verdad. In: *Escritos 2*. Madrid: Siglo XXI. p. 834-858, 1998.
- LAURENT, E. Psicoanálisis y ciencia: el vacío del sujeto y el exceso de objetos. *Freudiana*, n. 3, p. 58-66, 1991.
- LAURENT, É. La ética del psicoanálisis hoy. *Freudiana*, n. 23, p. 7-18, 1998.

LAURENT, É. O analista cidadão. **Curinga**, n. 13, p. 12-19, 1999.

LAURENT, É. Estado, sociedad, psicoanálisis. **Uno por Uno, Revista Mundial de Psicoanálisis**, n. 40, p. 34-52, 1994.

MILLER, J.-A. El pase del psicoanálisis hacia la ciencia: el deseo de saber. **Freudiana**, n. 26, p. 7-22, 1999.

MOREL, G. Ciencia y psicoanálisis. **Freudiana**, n. 2, p. 17-30, 1991.

PALOMERA, V. Dialogos en el mas alla – Cuatro cartas de Kurt Gödel a su madre. **Freudiana**, n. 2, p. 53-62, 1991.

PALOMERA, V. Cómo la ciencia exculpa. En la Fundación del Campo Freudiano. In: **El síntoma charlatan**. Barcelona: Paidós. p. 297-303, 1998.

QUINET, A. A psiquiatria e sua ciência nos discursos da contemporaneidade. In: (Org.). **Psicanálise e psiquiatria – controvérsias e divergências**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. p. 13-20, 2001.

ROUDINESCO, E. Programa **Roda Viva**, TV Cultura.